

## DO ESPAÇO COMO OBRA

Maria Carolina de Melo Rodrigues  
mcarolinamelo@yahoo.com.br

Orientadora: Profa. Dra. Patrícia Franca-huchet

PRODOUTORAL/CAPES

### Resumo

As constituições do termo espaço na arte, permanecem enquanto questões que primeiramente demarcam fronteiras onde torna-se ocupado pela obra, perdendo sua condição de aberto para fechado. A configuração acontece na delimitação de incluir e excluir limites onde este acolhe, abarca e contém. Desta maneira o espaço entra em jogo. A obra então se confronta com o espaço? O espaço é somente uma forma prévia? O presente texto apresenta algumas reflexões sobre a percepção desse a partir da perspectiva do próprio espaço, partindo de uma breve apresentação dos trabalhos Perecível e Pathos. O espaço é retirado do âmbito estritamente físico e reenviado a um cotejamento bem mais abrangente, em que as obras de arte não são pensadas apenas a partir das características físicas de um espaço circunscrito, mas, vai além, extrapolando o meio físico, distendendo o seu próprio conceito.

**Palavras-chave:** espaço, práticas estéticas contemporâneas, plasticidade, obra de arte.

### Notas de trabalho

#### Perecível

No ano de 2002, enterrei dentro de caixas de vidro, palavras, fotografias, água, madeira, cera de abelha, parafina e cabelo. Esta obra, intitulada Perecível, afloraram questões a respeito do espaço revelando amplas possibilidades a partir dos processos de remover, escavar e deslocar. Os objetos foram colocados em intervalos paralelos de terra onde esta foi retirada para que estes pudessem ocupar aquele espaço percebido: a terra.

As caixas foram inseridas numa ordem onde evidenciavam sua própria solidez, rompendo e desorganizando o terreno. Essa operação de “enterrar”, lidou com o comportamento daquilo que antes era fluxo, mas, que agora está contido. Uma caixa enterrada interrompe o solo, abre uma lacuna, entre isto e aquilo, escondendo dentro de suas paredes as transformações que nos escapa. Ao enterrar algo percebemos de

fato, como o espaço se comporta. O “espaço-caixa” recebe outro contentor de matéria; a caixa de vidro que também guarda os objetos. Surgia a questão que pôde então ser colocada, mas, e o que foi feito ali naquele lugar? O espaço continuaria o mesmo? As coisas poderiam existir “fora” do espaço? Como se “abre” o espaço? É ele que possibilita a aparição? A problemática instala-se numa relação entre matérias, onde a caixa de vidro enterrada é o que sobra, quando tudo o que não é caixa de vidro é excluído.



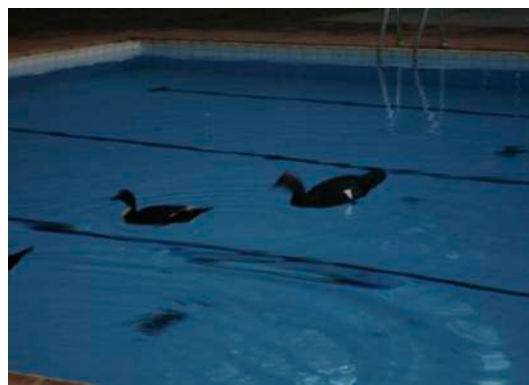
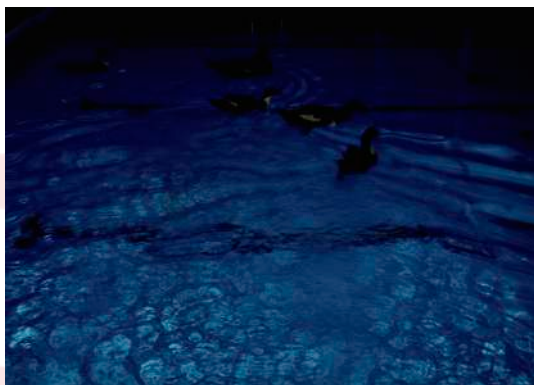
Perecível

Água, tecido, cabelo, folha, vidro, espelho, terra, extrato de noqueira, parafina, borracha, madeira, algodão, 2002, dimensões variáveis.

## Pathos

Caminhando em uma zona rural e observando ao meu redor, percebi que a água a beira de uma piscina se agitava e resolvi aproximar para ver o que ocorria. Encontrei alguns patos a se banhar em uma piscina. Passei algumas horas a observar e a fotografar o acontecimento. Um local que para mim antes era comum, agora se tornava estranho. A área era ocupada por novos habitantes. A piscina agora, agitada por ondas de fluxos variáveis, desmanchavam formas de uma realidade e criavam outras, descrevendo uma situação espacial que será desfeita com o passar da noite. Tive uma forte sensação de que aquela mudança de recinto, este processo de alteração do habitar dos patos, era o elemento mais importante nesta geografia de mudanças. Uma série de indagações a respeito da experiência com e no espaço

surgiam. Queria continuar a caminhar, mas, momentaneamente aquela situação me fazia refletir sobre a capacidade de nos deixar afetar e de suportar os nossos estranhamentos, quando estamos fora e/ou distante de nosso próprio espaço, ocupando simultaneamente muitos lugares e lugar algum. Somos projetados para espaços que não estamos, através da paisagem construída pelo olhar de um outro, o que nos distancia da experiência com o nosso próprio espaço. A imagem dupla de pensar o que via e o registro pelo olho-máquina do dispositivo fotográfico, recortava uma dimensão na qual os “pathos” suscitavam a permanência do observador por algum tempo induzindo-o a contemplação. Pensava em tudo isso a medida que a noite se colocava com toda sua solidez. A obra se mistura com a experiência comum de estar no espaço e invade a paisagem psicológica do espectador. O espaço assume a forma do visível a partir de uma imagem. Quando outros preceptores entram em cena, as possibilidades de reconhecermos o espaço, transcende a nós próprios, irradiando possibilidades de percebê-lo sendo espectadores de nosso próprio pensamento.



Pathos,  
Impressão digital em papel 100% algodão, 2015, 40x60 cm.

### Da mutação dos materiais à mutação da imagem

Em minha pesquisa de mestrado, intitulada *Mutação da Imagem: a plasticidade dos materiais percíveis*, foram investigados trabalhos que traziam um ponto em comum: o processo contínuo de mudança da imagem através de materiais que se modificavam constantemente, seja pelo manuseio, temperatura ou o passar do tempo. Adentrei por este campo de estudos e trabalhei com borracha, parafina, câmara de ar, pneu, cera de abelha, e por fim, espelho e fotografia. Uma prática constante da percepção sobre a percibibilidade dos trabalhos plásticos, sua natureza dinâmica e o tempo.

A obsessão era a fragilidade de todo esse material. Tudo que muda, estabelece um aparição e depois outra, nunca se repetindo. Então, ficava a pergunta: o que resta no intervalo de uma mudança de um estado a outro? O que se faz presente entre dois instantes distintos? Seria parte destes instantes mesmos?

O espelho é aquele que olha ou o que é olhado? O que acontece no espelho quando ninguém está ali? A imagem continua existindo no espelho? O que residia entre uma aparição e outra? Seria o espaço? O que seria aquela fresta? Que imagem se constituiria pelo olhar da fresta? Esta imagem não seria nem se quer uma coisa(a primeira aparição) e nem se quer outra(a segunda aparição). Esta fratura, susceptível de muitas interpretações, começava a atravessar meus trabalhos.



Da série Passãre

Borracha, sola de sapato, tecido, extrato de noqueira, parafina, cera de abelha, asfalto líquido, madeira, algodão, talco, cola adesiva, cola plástica, massa para modelagem, papel e fotografia, 2000, 200 x 90 cm.



### Veículo Corpóreo

Madeira, espelho, vidro, borracha, câmara de ar, sola de sapato, parafina, cera de abelha, cera de carnaúba, fotografia, tecido, plástico, asfalto líquido, tinta acrílica, giz e talco, 2002, dimensão variável.

Esta apreensão nasce de uma relação marcada por um movimento, onde o intervalo deste, se dá na paralisação do tempo e do espaço em uma passagem de um “estado”

da obra para outro, que de alguma forma constantemente continua a se movimentar, seja por suas qualidades matéricas, seja pelo olhar impermanente do sujeito que olha. É inevitável a noção de invisibilidade num processo de criação em artes levando a outros sentidos como forma de apresentação.

Aquilo que ela não vê, é por razões de princípio que ela não vê, é por ser consciência que ela não vê. Aquilo que ela não vê, é porque nela prepara a visão do resto (como a retina é cega no ponto de onde se irradiam as fibras que permitiram a visão). Aquilo que ela não vê, é aquilo que faz com que ela veja, adesão ao ser, sua corporeidade, são os existenciais pelos quais o mundo se torna visível, é a carne onde nasce o objeto. (MERLEAU-PONTY, 2001, p.225)

Na obra de arte, o invisível e o visível se diluem entre si ao ser encarados através de uma experiência direta. O que está oculto e o que se mostra não são questões de barreiras mas, sim de transparências.

Com isso, um outro tipo de percepção foi se afirmando, percebeu-se algumas outras questões que já apontavam algo a respeito de um suspeito já instaurado: o espaço espacializado.

### **Do espaço**

O espaço é como uma tela em branco pronto a aceitar o que quer que apareça? Quando a obra de arte está presente no espaço, isto significa que ela está espremendo o espaço para fora? Cria-se então, um intervalo, uma lacuna, uma pausa no próprio espaço a partir da obra? A obra se apropria daquele espaço?

O espaço não se reduz às relações geométricas, ele não está aí, independente do homem e necessário ao movimento.

Na segunda metade do século XX, surgem investigações que cada vez mais interceptam as questões epistemológicas do espaço e fomentam as suas possibilidades de transformação constituindo referências e distanciando das concepções anteriormente estudadas através da história, revelando diversas espacialidades. Conforme alerta Henri Lefebvre, “o espaço deixou, desde há muito tempo, de ser um meio geográfico passivo ou um meio geográfico vazio. Tornou-se instrumental.” (LEFEBVRE, 1972, p.149) As práticas estéticas contemporâneas são produtoras de espaço introduzindo paisagens entrópicas, sistemas de ações, se entregando a uma

nova imagem de si. O espaço torna-se a aparição.

Neste contexto, desvela-se a figura daquele que observa, cujo olhar é o epicentro e o detonador de uma plasmar espacial, pois, a obra é um dispositivo que trabalha o tempo e o espaço, atuando como se fosse uma projecção na memória do espectador. Deste modo, imagem, olho e espaço estabelecem uma plataforma operacional que permite à emancipação da imagem instalada, nomeadamente da relação normalizada com aquele que olha – a *mise-en-scène*, o ecoar desta relação, são os modos operatórios do espaço como obra.

A partir daí, o olhar se voltou para os contornos indistintos e as fronteiras do que conhecemos, em vez de olhar para o centro, emergindo novas formas de se conhecer o espaço.

Quando percebemos o espaço apenas a partir do receptáculo onde ele contém a obra de arte, estamos apenas projetando a contrapartida negativa dos objetos que nele aparece. Nós temos que reconhecer que as coisas em si são espaço e não se limitam a pertencer a um espaço. Ocupar um espaço significa ser estranho a ele e na verdade quando o objeto o ocupa, nada foi excluído, não há necessidade de “vaga”, porque a obra é o próprio espaço e o espaço é a própria obra. Um espaço espacializante onde vemos o invisível adquirir a sua visibilidade.

Nesse território, apreender sobre algo que em um primeiro momento ali não está, quando os aspectos de nosso mundo conhecido também não, torna-se uma zona instável, imprecisa e vaga.

Portanto, ou eu não reflito, vivo nas coisas e considero vagamente o espaço ora como o ambiente das coisas, ora como seu atributo comum, ou então eu reflito, retomo o espaço em sua fonte, penso atualmente as relações que estão sob essa palavra, e percebo então que elas só vivem por um sujeito que as trace e as suporte, passo do espaço espacializado ao espaço espacializante. ( MERLEAU-PONTY, 1999, p.328.)

O próprio espaço se tornará, em certo sentido, físico, porque o próprio espaço ocupará um outro espaço. O espaço em si aparece, ele não foi descartado. Foi só uma paisagem que temporariamente estava fora do campo de visão.

Enquanto o nosso foco é exclusivamente nas obras o espaço é simplesmente “vazio”. Gaston Bachelard em A Poética do Espaço, coloca sobre esse vazio do espaço íntimo e exterior como a matéria da possibilidade de ser. O espaço como expansão de

infinitudes. A obra contendo espaços, desta maneira estruturas de espaço e obra podem se tornar interpenetrante se repetindo infinitamente.

A percepção do espaço surge aqui como base em uma suposição onde o espaço está presente como “algo”, dá-se o ‘espaço em obra’. A obra então, não será um debate com o espaço, ela é o próprio espaço.

A geografia humanista, surgida nos anos 70, estabelece como base de análises geográficas, a experiência, tornando o significado de espaço; o espaço vivido. O espaço não é uma coisa, nem um sistema de coisas, ele é uma realidade relacional.

O que seria então esse espaço? O espaço torna-se aberto, não sendo parte de lugar nenhum, não excluindo, nem ocupando, não definindo, nem sendo lugares de repouso ou ao mesmo tempo sendo lugares de todas as operações.

Esta concepção nasce da observação do meu trabalho como artista, em um exercício constante de habitar as imagens destas obras, buscando aprofundar os conceitos inerentes que vão surgindo. Uma relação retomada e revisitada.

## REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. *O que é contemporâneo? e outros ensaios*. Chapecó: Argos, 2009. 92p.

AUGÉ, Marc. *Não-lugares: introdução a uma antropologia da modernidade*. Campinas: Papirus, 2004. 112p.

BACHELARD, Gaston. *A experiência do espaço na física contemporânea*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2010. 88p.

\_\_\_\_\_. *A intuição do instante*. Campinas: Verus, 2007. 107p.

\_\_\_\_\_. *A poética do espaço*. São Paulo: Abril Cultural, 1974. 514p. (Os Pensadores, XXXVIII).

BAUM, Kelly. *Nobody's property: art, land, space, 2000-2010*. New Jersey: Princeton University Art Museum, Yale University Press, 2010.

BOLLNOW, Otto Friedrich. *O homem e o espaço*. Curitiba: Ed. UFPR, 2008. 27p.

CANTON, Kátia. *Espaço e lugar*. São Paulo: Martins Fontes, 2009. 72p.

CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano*. Petrópolis: Vozes, 2008. 351p.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *O que vemos, o que nos olha*. São Paulo: Ed. 34, 1998. 260p.

FRAGOSO, Suely. *O espaço em perspectiva*. Rio de Janeiro: E-papers Serviços Editoriais, 2005. 90p.

FRIEDLAND, R.; BODEN, D. (Org.). *Now here: space, time and modernity*. California: University of California Press, 1994. 435p.

LEFEBVRE, Henri. *Espace et politique : le droit à la ville II*, Paris, Anthropos, 1972. 180p.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 1999. 662p.

\_\_\_\_\_. *O visível e o invisível*. São Paulo: Perspectiva, 2000. 271p.



Pesquisas em andamento  
EBA | UFMG

Realização: UFMG



PPG Artes  
Programa de Pós-Graduação em Artes  
Escola de Belas Artes - UFMG

Apoio:

NAPQ

NÚCLEO DE APOIO  
À PESQUISA

PROEX

PRÓ-REITORIA  
DE EXTENSÃO

PAIE

PROGRAMA DE  
APOIO INSTITUCIONAL  
A EVENTOS

Parceria:



La  
Bombonera